

Experiências na formação inicial docente em Ciências e Biologia: Educação para as Sexualidades na escola em práticas problematizadoras e transformadoras

Experiences in initial teacher training in Science and Biology: Sexuality Education at school for a problematizing and transformative practice

Karen Daniela de Sousa Custodio¹
Tiago Amaral Sales²

42

Resumo: Este trabalho consiste em um relato de experiências crítico-reflexivo. O mesmo foi construído a partir de narrativas de vivências da primeira autora em uma escola pública estadual da cidade de Ituiutaba – Minas Gerais – Brasil, na qual foram mobilizadas propostas pedagógicas que pensassem, sobretudo, em sexualidade(s), no cuidado do corpo, na prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e à gravidez na adolescência. O diálogo aconteceu dentro do PIBID, em interface com o ensino de ciências e biologia. Percebe-se, assim, a importância de uma educação problematizadora e crítica, que lute pela possibilidade de informar, de dialogar e de transformar a realidade, em alianças entre escola e universidade, entre saberes científicos e populares.

Palavras-chave: Educação para as sexualidades; Ensino de ciências e biologia; Formação de professores.

Abstract: This work consists of a critical-reflective account of experiences. It was constructed based on narratives of the first author's experiences in a public school in Ituiutaba, Minas Gerais – Brazil, where pedagogical proposals were mobilized that considered, above all, sexuality,

¹ Licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Integrante, artista e ambientalista junto ao Coletivo Goiabal Vivo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e membro do Núcleo (PIBID) de Estudos Anticoloniais IG (UFU), Campus Santa Mônica. E-mail: karen.de@ufu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1882-026>

² Professor Assistente nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e em Educação Básica (PPGPEDU) da UFU. Realizou o pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

Recebido em: 12 /12/2025

Aprovado em: 23/02/2026

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



body care, prevention of sexually transmitted infections and teenage pregnancy. The dialogue took place within PIBID, in conjunction with the teaching of science and biology. Thus, one can see the importance of a problematizing and critical education that strives for the possibility of informing, dialoguing and transforming reality, in alliances between school and university, between scientific and popular knowledge.

Keywords: Sexuality education; Science and biology teaching; Teacher training

Introdução³

43

Quantas questões permeiam as nossas formas de ver e lidar com o nosso corpo, com as sexualidades, os gêneros e com os desejos? Como preconceitos e estigmas são criados histórico-culturalmente, se impregnando em nossa sociedade e gerando violências e exclusões sociais? De que maneiras a educação pode trabalhar justamente para viabilizar maneiras respeitadas e contrárias a preconceitos e estigmas? O quanto o processo de colonização atravessa as formas nas quais são construídos e vividos os desejos? É a partir desses questionamentos que este trabalho se coloca a pensar, de modo reflexivo-problematizador, nas vivências da primeira autora, licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, em uma atividade articulada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O presente trabalho, ao revisitar vivências na educação básica, na formação inicial de uma professora e nas experiências produzidas no chão da escola, é importante para pensar nos âmbitos escolares e nas realidades docentes. Nos embasamos em leituras que pensam na educação e nas sexualidades sobretudo em perspectivas pós-estruturalistas e pós-críticas, porém também nos aproximando em certos momentos de outros referenciais que fazem parte dos nossos processos constitutivos enquanto pessoas professoras-pesquisadoras e das nossas trajetórias de vida.

Uma dimensão teórica-conceitual importante na reflexão e (re)construção de nosso texto foi o encontro com a noção de “educação para as sexualidades” que, como afirma a autora Constantina Xavier-Filha (2018, p. 31):

A perspectiva da educação para a(s) sexualidade(s) pretende refletir sobre discursos naturalizados e sacralizados culturalmente, relativizando-os, pondo-os sob suspeita e vigilância, provocando a dúvida de algumas certezas, permitindo-se novas formas de pensar e com isso estimular questionamentos sobre como nos constituímos em relações

³ Este artigo foi inicialmente submetido, apresentado e publicado nos anais do IV Congresso Nacional de Ensino de Ciências e Formação de Professores (IV CECIFOP) / II Congresso Interinstitucional de Educação Popular e do Campo (II CIBEPOC) / IV Encontro Goiano da Escola da Terra, os quais ocorreram no ano de 2024 na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), na cidade de Catalão, Goiás, Brasil. Após o evento, o mesmo foi publicizado nos seus anais, sendo também revisado, reformulado e ampliado para configurar este artigo.

de saber e poder. Com isso, desestabilizar certezas, na tentativa de ampliar olhares em outras direções e possibilidades.

Dessa forma, busca atingir questões relevantes na vida dos e das estudantes ligadas à educação para as sexualidades (Xavier-Filha, 2018), a qual percebemos que consiste em um tema que por vezes é negligenciado ou abordado de forma superficial e dentro do que os parâmetros sociais cis-hetero-normativos definem como correto, o que pode engrenar em desinformações e preconceitos. Assim,

[...] constatamos e afirmamos a urgência de abordar questões em torno do gênero e da sexualidade de maneira a problematizar tais instâncias, destituindo-as do lugar de natural, e colocando-as como questões atravessadas pela cultura e pela subjetividade, articuladas em torno da vida, produzidas em tempos e espaços localizados, permeadas por relações de saber e de poder. Eis a força da resistência perante às relações de poder, emergindo em maneiras de re-existir. (...) Tal posicionamento articula-se com o reconhecimento da educação como empreendimento coletivo, de caráter político, devendo, assim, estar articulada com a tarefa de transformar e cocriar o mundo em que se situa (Sales; Silva, 2024, p. 25-26).

44

O discurso moralizado e moralizador permeado por afirmativas como ‘sexo somente para a finalidade de reprodução’, discurso esse produzido também à partir do alicerce de um ensino biologicamente e higienista (Xavier-Filha, 2018). O não reconhecimento dos desejos em sua multiplicidade e a forma que as inúmeras identidades e subjetividades no campo das sexualidades são invisibilizadas tornam o tema “polêmico” e tantas vezes pedregoso, afastando as possibilidades de trabalhá-lo em diversos momentos tanto na educação básica quanto superior. Isso reforça as reformulações, os silenciamentos e a defesa do que se entende como “correto” e dentro das normas nos discursos que envolvem a educação para as sexualidades.

Ademais, é sabido que muitos estudantes por vezes têm dificuldade de estabelecerem diálogos com seus familiares, sendo tantas vezes silenciados, forçados a negligenciar os seus desejos, inquietações e atravessamentos como nos orienta o filósofo francês Michel Foucault:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (Foucault, 1988, p. 9-10).

O autor nos direciona na compreensão da construção histórica da produção do silenciamento e de processos violentos que impactam diretamente na produção e constituição dos sujeitos no que diz respeito à sua subjetividade. Isso afeta diretamente no exercício de ser,

de viver, de existir e de coconstruir um território no mundo, sobretudo nas crianças, mas também modulando pedagogias que afetam corpos com diferentes idades e configurações. Isso impacta diretamente na compreensão do que é real, do que é dito como verdade, de quem pode dizer, ser e produzir e reproduzir a realidade, ou seja, no estabelecimento das relações de saber e poder... em suma, mobilizando processos de governo dos corpos.

Neste ponto, acreditamos na importância de estabelecer um diálogo entre leituras de Foucault (1988) e de Constantina Xavier-Filha (2018). Tais interlocuções teóricas nos mobilizou a (re)pensar nos termos e conceitos empregados ou não, em quais as suas intencionalidades, no que diz respeito à escola, sobretudo, aos professores e professoras de ciências e biologia, e no caminho de investir em uma educação para sexualidades, e não orientação ou educação sexual.

Á partir desses diálogos, compreendemos os espaços educativos e os seus currículos estruturantes como territórios em disputa, em tensões entre controle, produção de subjetividades e dominação estabelecidos à medida que se “escolhe” e conseqüentemente, legitima-se a utilização de determinados termos na medida em que se silencia outros. Ademais, o que pretendemos aqui é problematizar, questionar e tensionar às práticas educacionais vigentes e (re)pensar educações para as sexualidades... educações outras, (im)possíveis... que abarquem todos, todas e todes, mesmo os que não estão dentro da “normalidade”.

Há inúmeros desafios no que diz respeito ao ensino de ciências e biologia na educação básica e à formação de professores e professoras destes campos. Destacamos a exclusão e invisibilidade da temática sexualidade nos anos iniciais que ocorreu em 2018 na criação e publicação da Base Nacional Comum Curricular – a BNCC (Brasil, 2018). Os eixos incluídos no documento são *Matéria e Energia*; *Vida e Evolução*; e *Terra e Universo*, os quais organizam os conteúdos dos componentes curriculares. Além de alicerçar os saberes iniciais de física e química, incluindo os seguintes direcionamentos; segundo a BNCC (Brasil, 2018),

[...] o desenvolvimento do letramento científico, que envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), mas também de transformá-lo com base nos aportes teóricos e processuais das ciências. Em outras palavras, apreender ciência não é a finalidade última do letramento, mas, sim, o desenvolvimento da capacidade de atuação no e sobre o mundo, importante ao exercício pleno da cidadania. Nessa perspectiva, a área de Ciências da Natureza, por meio de um olhar articulado de diversos campos do saber, precisa assegurar aos alunos do Ensino Fundamental o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos, práticas e procedimentos da investigação científica (Brasil, 2018, p. 319).

No que diz respeito à Vida e Evolução onde esperaríamos que fosse abordado sexualidade(s), encontramos o seguintes dizeres:

[...] propõe o estudo de questões relacionadas aos seres vivos (incluindo os seres humanos), suas características e necessidades, e a vida como fenômeno natural e social, os elementos essenciais à sua manutenção e à compreensão dos processos evolutivos que geram a diversidade de formas de vida no planeta. Estudam-se características dos ecossistemas destacando-se as interações dos seres vivos com outros seres vivos e com os fatores não vivos do ambiente, com destaque para as interações que os seres humanos estabelecem entre si e com os demais seres vivos e elementos não vivos do ambiente. Abordam-se, ainda, a importância da preservação da biodiversidade e como ela se distribui nos principais ecossistemas brasileiros (Brasil, 2018, p. 324).

Percebemos, assim, um apagamento das possibilidades de trabalhar questões relacionadas ao corpo, ao gênero e à sexualidade nestes documentos oficiais. Isto ocorreu em decorrência de movimentos conservadores que silenciaram tantas temáticas necessárias na BNCC.

Com isso, reconhecemos a necessidade de uma educação escolar – que permeie também a formação de professoras e professores – que se coloque em posturas problematizadoras diante desse apagamento de questões tão necessárias. Deste modo, o espaço escolar é um lugar onde é possível desenvolver a criticidade, onde a pessoa é formada e essa dimensão está para além do conhecimento cientificista das ciências duras, tantas vezes alicerçadas em perspectivas que corroboram e coadunam com o patriarcado, com a misoginia, com a LGBTQIAPN+fobia e demais ferramentas de exclusão de seres e saberes outros potentes, possíveis e não legitimados. Espaço no qual as relações de saber e de poder são exercidas, onde facilmente discursos distorcidos se proliferam entranhados nos saberes científicos, moralistas, colonizados e além disso onde os discursos são reformulados, como o autor sugere:

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? [...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p. 8-9).

Quantos discursos são (re)produzidos em um currículo e em uma sala de aula? Eles impactam diretamente os corpos, os gêneros, as sexualidades... permeando a produção de modos de desejar, de viver, de amar, de se relacionar e de habitar o mundo. . Junto disso, percebemos que educação para a sexualidade não vem sendo apresentada no espaço escolar – e quando é possível de estar presente – se resume a percorrer rapidamente as estruturas morfológicas do aparelho reprodutor feminino e masculino, e ver de maneira superficial – além de tantas vezes moralista e aterrorizante – as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Assim, entendemos que tal perspectiva educativa não resulta em uma educação ampla e que se relacione com a vida propriamente dita com toda a sua complexidade e subjetividade, o que

acarreta em desinformações e na busca – tantas vezes desassistida – por esses conhecimentos em outros lugares.

Mesmo com todas as tecnologia de prevenção sexual já existentes – preservativos, PEP, PrEP, gel lubrificante, testagem, vacinação, dentre outros⁴ – e disponibilidade de informações acerca de teorias em torno das sexualidades nas redes e em veículos de acesso gratuito, estes processos de silenciamento seguem se fazendo presente. A partir da experiência em sala de aula, percebemos que quando se trata de pensar nas práticas sexuais seguras há certa ausência de proximidade com os conhecimentos científicos deste campo no que diz respeito aos adolescentes acerca dos métodos contraceptivos e prevenção de IST. Isso se comprovou na vivência da primeira autora a partir das inúmeras dúvidas e desinformações manifestas em sala de aula, o que entendeu que representam uma problemática atual e pertinente.

No entanto, acreditamos que pensar em corpos, gêneros e sexualidades em sala de aula seja possível a partir da construção de uma educação menor em ciências e biologia (Santos; Silva; Martins, 2021). Isto ocorrerá a partir da criação e do compartilhamento de um saber que reconhece as múltiplas formas de existência, das subjetividades, de um saber que não as negue, um saber construído na coletividade, que conflua e que é capaz de não apenas cumprir mas também questionar as diretrizes que orientam e compõem o currículo de ciências e biologia. Assim, “[...] apostamos e defendemos que uma educação em biologia menor tece redes de sobrevivências, de resistências e abre paisagens inauditas, mesmo em territorialidades onde são marginalizadas” (Santos; Silva; Martins, 2021, p. 388).

Percebemos, enfim, que

[...] a escola tem duas grandes tarefas, a saber: a alfabetização científica e a socialização das crianças e dos adolescentes. As políticas de promoção da diversidade sexual e da equidade de gênero não são políticas para minorias na escola. Em outras palavras, elas não são feitas “apenas” para os meninos afeminados ou mais sensíveis, “apenas” para as meninas que gostam de outras meninas, “apenas” para os meninos e as meninas que optam por modos transexuais. Existe uma vinculação clara entre o respeito à diferença sexual e de gênero e a qualidade das aprendizagens escolares. Políticas de equidade promovem um ambiente escolar mais sadio para todos e todas, diminuindo preconceitos e situações de baixa autoestima que potencialmente podem afetar qualquer aluno, pois todos nós temos atributos pessoais que podem nos tornar alvo de estigma, gerando tensão social, que diminui as chances de rendimento escolar (Seffner, 2011, p. 571).

Dessa forma, investir em uma educação para as sexualidades que aconteça para a equidade, para o cuidado do corpo, para experimentações dos desejos de formas respeitadas e para a valorização da vida são posturas éticas e políticas. Eis um desafio nosso enquanto

⁴ Para mais informações sobre estes métodos de prevenção, sugerimos a leitura acerca da prevenção combinada: <<https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada>> (Acesso em 25 de jun. 2025).

educadores/as: “Encantar-se pelas frestas que se abrem. Manter-se aberto e atento a tudo que chega” (Sales; Estevinho, 2021, p. 309), atentos e atentas ao que acontece na escola, na universidade, nos nossos corpos, nos nossos encontros. Essa é uma tarefa diária de investir e lutar por isso cotidianamente.

2 Metodologia

O diálogo aberto, respeitoso, seguro, fundamentado em referenciais teóricos e científicos assegura uma forma dos e das estudantes – sobretudo jovens e adolescentes – sentirem e compreenderem as mudanças que ocorrem nos seus corpos no período de desenvolvimento, como o intitulado de ‘puberdade’. O conhecimento científico, quando aliado à diversidade de corpos-gêneros-sexualidades, pode mobilizar cuidados possíveis, como prevenções para se evitar as infecções sexualmente transmissíveis (IST), possível gravidez indesejada e, sobretudo, conhecer e respeitar o que é “diferente”, se acolhendo mesmo quando se encontra fora da normalidade heteronormativa, afirmando modos de vida singulares.

A metodologia para a construção deste relato de experiência reflexivo aconteceu ao revisitar atividades planejadas e executadas pela primeira autora no contexto do PIBID em uma escola pública na cidade de Ituiutaba – Minas Gerais – Brasil. Assim, aconteceu através de uma sequência didática apresentando os conteúdos relacionados à sexualidade de diferentes formas, dividida em três momentos. Iniciamos realizando uma roda de conversa, com o intuito de sondagem, verificar o que os e as estudantes possuíam de conhecimentos prévios. Em seguida, no laboratório de ciências, foi ministrada uma aula expositiva-dialogada, com o intuito de dialogar acerca das dúvidas e trabalhar fragilidades lá presentes. Em outro momento foi realizada uma nova roda de conversa com os e as estudantes, permitindo que eles e elas atuassem no protagonismo, explorando o que os foi compartilhado que ainda não sabiam, apresentando fatos do contexto deles e delas na medida em que realizavam mais perguntas.

A última etapa da sequência foi um jogo intitulado: “Caminho da Educação para as Sexualidades”. O mesmo foi realizado na quadra da escola em que tal experiência foi vivida, o qual a turma foi dividida, após tirar par ou ímpar para verificarmos qual grupo da turma começaria respondendo as questões. Iniciamos o jogo fazendo as perguntas e o grupo que não soubesse passava a vez para o outro.

Estas atividades foram mobilizadas pela primeira autora, licencianda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, integrante do PIBID/CAPES, mulher, preta, periférica e lesbica. As mesmas ocorreram com uma turma de 8º

ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual de ensino básico e sob orientação de uma professora de ciências e biologia e preceptora do PIBID na escola.

3 Resultados e Discussão

A aula sobre sistema reprodutor feminino e masculino, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e cuidados com o corpo – popularmente chamados de “higiene pessoal” –, foi realizada pela primeira autora. Utilizou-se dos métodos de uma aula expositiva para iniciar o tema, com tópicos direcionadores, boneco anatômico, preservativos internos e externos e imagens para ilustrar todos os métodos de prevenção à gravidez precoce/indesejada atuais, sendo eles os preservativos, diafragma, espermicida, pílula anticoncepcional hormonal injetável, implante subcutâneo anticoncepção emergencial, método comportamentais, “tabelinha”, dispositivo intrauterino (DIU), laqueadura e vasectomia.

Na ocasião, a intencionalidade primária foi abordar o conteúdo previsto pela ementa do 8º ano de forma dialogada a fim de proporcionar uma confluência horizontalizada. A partir dessa aula entendemos que foi possível estabelecer um espaço de escuta segura entre os estudantes e a professora em formação.

Embora certas questões possivelmente já se fizessem presentes nas salas de aula e nos espaços de ensino de ciências e biologia – nem que fosse nas brechas – como quando se fala em “gênero feminino e masculino”, em reprodução “sexuada” e em anatomia humana dentro do conteúdo de ciências/biologia, os estudantes verbalizavam que nunca tiveram uma aula que abordasse tais assuntos, mesmo que de forma dicotômica. Entendemos que isso evidenciava certa resistência – permeada de medo – presente nos contextos sociais de professores, professoras e estudantes, além de inúmeras questões problemáticas embasadas exclusivamente por um campo de senso comum, inclusive permeadas por informações falsas, estigmatizantes e tendenciosas. Nesse ponto, é importante ressaltar que falar em gêneros, corpos e sexualidades a partir de uma educação sensível e comprometida com as vidas ditas como dissidentes dentro de salas de aula, sobretudo, nos componentes curriculares de ciências e biologia, não significa negar as questões biológicas do ponto de vista do corpo e de sua anatomia/fisiologia, mas ampliá-las, complexificá-las, dialogá-las com outros campos de saber.

Sobre as IST, foram abordadas as principais infecções que acometem adolescentes, sendo elas: HPV, herpes genital, clamídia, HIV/aids, gonorreia e sífilis, evidenciando outros tipos de infecções que não são sexualmente transmissíveis. Focamos no cuidado do corpo e no reconhecimento das diferentes infecções, do uso da camisinha como um dos principais métodos

preventivos e tendo alta eficácia na prevenção das infecções e gravidez indesejada, além de abordar outros métodos possíveis.

Foi elaborada e ministrada uma aula expositiva no laboratório de ciências. Essa foi preparada pela primeira autora, em parceria com a professora de ciências e biologia da escola que a acompanhava. Optamos fazê-la naquele espaço por ser mais amplo e com a intenção de amenizar a tensão que na sala em que comumente os e as estudantes ficam em torno de quatro horas sentados todos os dias. Essa prática foi totalmente dialogada à medida que os conteúdos iam sendo apresentados e surgiam dúvidas, ou os e as estudantes queriam fazer algum comentário contextualizando os assuntos que nós parávamos, ouvíamos e tentávamos dialogar acerca das dúvidas surgidas. Além de uma abordagem inseridas nas perspectivas biológicas, acessamos de forma indireta e sutil questões culturais, psicossociais e as subjetividades dos sujeitos, como gêneros, corpos, sexualidades, permeando também relações que configuram como abusos e dimensões das relações interpessoais, questões que não estão dissociadas e que são constantemente negligenciadas nos espaços escolares e demais espaços sociais.

A roda de conversa teve o intuito de trabalhar os conteúdos referentes à sexualidade de forma mais aberta e livre. Perguntas “polêmicas” surgiram, relacionadas ao uso de preservativos, às práticas sexuais, à prevenção, ao prazer, ao corpo e seu desenvolvimento, à vida. Os estudantes nesse momento já estavam familiarizados com diversos nomes e imagens. Essa atividade foi pensada para sanar uma demanda da escola, em um determinado dia em que nós pibidianos a frequentamos e nos deparamos com um movimento atípico de uma greve em que alguns professores não estavam presentes. No entanto, os estudantes estavam lá e os demais docentes que não aderiram a greve tentavam atender os estudantes ociosos.

Diante disso e de demandas escolares, a professora sugeriu que fosse realizada alguma atividade sobre ‘higiene e educação sexual’. Algumas questões que a escola apresentava como ‘dificuldades’ a se enfrentar naquele momento, eram: algumas estudantes grávidas, sendo uma estava no sétimo ano; e a maioria dos estudantes não fazia ideia das noções básicas de higiene e cuidado pessoal, sendo que muitos deles faziam parte do regime integral e passavam a maior parte dos seus dias na escola. O desafio foi aceito: “não podia ser tão difícil”, pensamos. Assim, construímos algumas perguntas e nos reunimos com os estudantes do 8º ano na quadra juntamente com a professora supervisora do PIBID.

O primeiro desafio encontrado ao reunir os estudantes estava na barreira linguística. Na turma havia um estudante venezuelano que tinha entrado na escola há poucos dias, com certas dificuldades de diálogo e aprendizagem. À medida que a professora foi adentrando no assunto,

íamos colocando no tradutor online e apresentando para ele o que aquilo significava na língua portuguesa, entretanto isso ocorreu muitas vezes sem sucesso. Após certo tempo, as perguntas foram deixadas de lado e a professora introduziu o conteúdo dos sistemas reprodutores junto de maneiras de cuidado com o corpo. Então surgiu a ideia de construir um caminho possível na educação para as sexualidades através de uma sequência didática.

A aula expositiva e a roda de conversa, o jogo e os questionários oportunizaram a construção de um novo e possível caminho na educação para as sexualidades, considerando que são temas que estão intrinsecamente presentes na vida dos e das jovens estudantes, mas ainda pouco conversados de maneira aberta e responsável. A construção e realização dessa atividade sequenciada só foi possível através da vivência e percepção do espaço escolar e dos seus contextos. É evidente o quanto carecemos desses diálogos, sobretudo no campo das ciências e da biologia que, na ausência de criticidade, pode abordar os temas de forma superficial e problemática, como ao considerar os genes XX e XY como respectivamente masculino e feminino, logo ‘homem’ e ‘mulher’, reforçando que outros corpos não existem, ou seja, deslegitima os sujeitos fora da cis-hetero-normatividade ali inseridos, que por vezes por não se reconhecerem, negam-se a sua possibilidade de existência.

Outro aspecto de importância é a desinformação ou a dificuldade dos e das estudantes procurarem e encontrarem informações confiáveis e responsáveis acerca dos corpos e de vivências das sexualidades de maneiras potentes para as suas vidas, assim como no cuidado e na prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (IST). Embora se acredite que os e as estudantes tenham acesso a lugares que compartilhem essas informações, sobretudo a internet, percebemos nessa rápida imersão na escola que os mesmos, tantas vezes, podem não utilizar esses canais para esse fim, aumentando certos desconhecimentos e ressaltando vulnerabilidades a que estão acometidos.

Também tivemos a percepção através dessas atividades de que a relação construída entre a turma propiciou o envolvimento, a participação efetiva, assim como a quantidade e densidade das perguntas realizadas pelos estudantes. Ao sabermos do quanto os jovens estão vulnerabilizados às infecções sexualmente transmissíveis e a ocorrerem gravidezes indesejadas, entendemos que temos uma responsabilidade com isso. Assim, afirmamos que se faz necessário repensar a forma que abordamos estes temas tão importantes nas escolas, percebendo assim que existe uma urgência em nos (trans)formar como educadores em ciências e biologia em perspectivas de educações para as sexualidades.

4 Considerações Finais

Refletir sobre nossas vivências é uma potente forma de perceber como nos situamos no mundo, o que temos aprendido em nossos caminhos e de que maneiras os nossos saberes vividos podem se engajar na transformação da realidade. Dessa forma, este trabalho buscou revisitar e narrar de forma reflexiva as experiências da primeira autora, licencianda em Ciências Biológicas, com o apoio na escrita e orientação do segundo autor, professor no curso de licenciatura em Ciências Biológicas, atuando diretamente na formação de professores e professoras de ciências e biologia.

Percebemos que estar engajada com o PIBID permitiu nos articular com vivências na escola, supervisionadas e engajadas com professoras e professores que lá atuam. No que diz respeito às questões de corpos, gêneros e, sobretudo, sexualidades, reconhecemos que muitas problemáticas atravessam as realidades escolares, indo desde a construção de políticas públicas e documentos oficiais, até como isso tudo reverbera em práticas de docentes, futuros docentes e estudantes.

Questões como as infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez precoce e indesejada e às de noções de cuidado com o corpo – rotuladas de “falta de higiene” – aparecem como temas a serem repensados, em se acordar e sobretudo, no que trata em suas abordagens. Dessa forma, as experiências didáticas possibilitam mobilizar saberes da primeira autora, articulando de maneira horizontal com os estudantes, permitindo um diálogo aberto e reflexivo.

Por fim, refletimos na limitação deste estudo, sendo um pequeno recorte realizado em um local e período delimitado, mas que anunciam questões para seguirmos pensando, além de atuar diretamente na formação de seus autores. Com isso, demarcamos a importância de defender uma educação pública, gratuita e de qualidade que se coloque engajada com discussões acerca dos corpos, dos gêneros e das sexualidades em movimentos para criar condições para vidas dignas, para combater preconceitos e transformar a escola em um espaço para a diversidade. Esta tarefa pode acontecer tanto no chão da escola, quanto em outros espaços e instâncias, como a universidade. Assim, estes diálogos foram potentes para repensar nas possibilidades de nos situar na escola cotidianamente de maneiras reflexivas e problematizadoras

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal – Ituiutaba, MG, pelo suporte e por ser território de aprendizados e cocriações; ao PIBID/CAPES pelo apoio e concessão das bolsas e a Escolas Estadual Coronel Tonico Franco pela parceria na execução das atividades propostas; ao apoio das professoras Nathália Pires Nogueira, supervisora de PIBID, e Ana Paula Bacri, coordenadora do PIBID, por viabilizarem esta atividade; e, principalmente, aos estudantes do 8º ano que participaram das atividades propostas e nos ensinaram muito.

53

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 1988. 152-152.

SALES, T. A.; ESTEVINHO, L. F. D. Carta para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor de afetos possíveis com um documentário sobre HIV/AIDS. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBIO**, [S, l], v, 14, n, 1, p. 290-311, 2021.

SALES, T. A.; SILVA, G. A. Gênero e sexualidade em devires e afetos no chão da escola: experiências e resistências entre arte e educação. **Interritórios**, Caruaru, v. 10, n. 19, p. 1-29, 3 jun. 2024. <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262207>

SANTOS, S. P.; SILVA, E. P. Q.; MARTINS, M. M. Educação em biologia menor. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 382-398, 30 jun. 2021.

SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 561, 2011.

XAVIER-FILHA, C. Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira? **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 5, n. 2, p. 16–39, 2018. DOI: 10.14295/de.v5i2.7865. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7865>. Acesso em: 2 fev. 2026.